



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS**

DEPARTAMENTO DE GINÁSTICA

MEMORIAL PARA ACESSO À CLASSE E (Professor Titular)

Solicitante: Prof. ANTONIO CARLOS MORAES

INTRODUÇÃO

Quero agradecer a presença de todas e todos, em especial a comissão examinadora aqui composta pela Profa. Dra. Cláudia Gontijo, Prof. Dr. Admilson Santos, Prof. Dr. Luiz Vitor Castro Júnior e pela Profa. Dra. Jaqueline Moll que nos acompanha por Skipe. Quero cumprimentar aquelas e aqueles que são testemunhas mais próximos desse memorial que vou apresentar na tarde de hoje, as minhas e meus colegas de trabalho, docentes, técnicos, estudantes e egressos que acompanham minha jornada no Centro de Educação Física.

O memorial que apresento hoje, embora seja um relato de minha de quase 13 anos de docência na UFES representa, na verdade, 35 anos de magistério dos quais 23 de magistério superior e 12 de escola básica. Na condição de docente do magistério superior sempre estive ligado à formação inicial e continuada de professores para a escola básica. Nesse sentido minhas memórias estão permanentemente carregadas de pensamentos e ações diretamente ligadas ao processo de ensino-aprendizagem e da transformação cultural e social por meio da educação escolarizada que tem na rede básica os desafios que nos provocam cotidianamente.

Iniciei minha carreira no magistério superior no Departamento de Didática na Faculdade de Educação, lotado do Centro de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1997. Fui convidado, em 2005, a participar de um processo de redistribuição para o Departamento de Ginástica da Universidade Federal do Espírito



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS**

Santo, o qual se concretizou em 2006. E nessa condição, de professor Associado IV (Classe D) da Universidade Federal do Espírito Santo que me encontro até os dias atuais e, portanto, à essa instituição eu solicito o acesso funcional à Classe E (Professor Titular).

Considerando o que reza a Resolução 52/2017 do Cepe/Ufes, artigos 16, 39 e 40 em acordo com as leis 12.722/2012 e portaria 982/2013 do MEC, apresento, como requisito de promoção, um documento de minhas memórias a partir de 15 de junho de 2006, data de publicação do Ministro da Educação que concretizou minha lotação funcional atual no Departamento de Ginástica do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo.

Cheguei ao atual departamento, portanto, com minha carreira acadêmica em processo adiantado em função de da experiência anterior e da formação regular concretizada. Formei-me em nível de Graduação no próprio Centro de Educação Física e Desportos da UFES, onde obtive a Licenciatura em Educação Física e me titulei como Mestre, em 1996, e Doutor, em 2002, em Educação Física na Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro. Desta forma, quando ingressei na condição de Professor na UFES, em 2006, já me encontrava no quadro funcional como Professor Adjunto III. Então, é a partir daqui que relembro minhas memórias as quais eu dedico, *in memoriam*, ao meu saudoso mestre Prof. Vitor Marinho de Oliveira, de quem recebi as referências mais importantes e duradouras para minha carreira acadêmica.

Nessas memórias pretendo da forma mais dinâmica possível, expressar uma trajetória com outros caminhos, adicionados àqueles que eu já havia percorrido ao longo de minha vida acadêmica na UFRJ. Enquanto naquela instituição eu trilhei caminhos profundamente ligados ao ensino, pesquisa, representação docente em colegiados locais, representação sindical e em entidades científicas, na UFES eu adicionei, sem prejuízo aos caminhos anteriores, a Extensão ampla ligada ao ensino e pesquisa, a representação docente em colegiado superior, o contato com a comunidade externa, a coordenação de



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS**

pós-graduação em nível de Especialização, a formação continuada, a política universitária, a administração direta em nível de Pró-Reitoria, a produção artística, o cumprimento de demandas ministeriais e por fim a adesão à Pós-Graduação *stricto sensu* por meio do Mestrado Profissional.

NO ENSINO

No processo de redistribuição o departamento de Ginástica, como todos os departamentos, no início dos anos 2000, ainda sofria dos efeitos do desmantelamento e sucateamento da universidade pública vividos nos anos de 1990 e aguardava a promessa de recuperação das instituições públicas do governo eleito em 2002. Com uma quantidade mínima estatutária para continuar como departamento o setor acumulava uma carga horária imensa, com professores encarregados do magistério de mais de 20 aulas semanais e tarefas administrativas, além de suas pesquisas e ações extensionistas. Minha chegada ocorreu sob a expectativa de resolver a alta demanda do setor de Danças, Folclore, Cultura Popular e Educação Física no Ensino Médio. Além disso, a experiência acumulada como representante conselheiro na Colenda Congregação da Faculdade de Educação da UFRJ me credenciou a representar o CEFD no CEPE logo no primeiro semestre de lotação e exercício.

Na chegada assumi disciplinas de um currículo em processo de extinção e no período seguinte adicionei aos meus encargos didáticos as disciplinas de um novo currículo de Licenciatura com o perfil direcionado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais baseadas pelas Resoluções do CNE no início dos anos 2000. Durante os anos de 2006 e 2007 foram dias exaustivos de mais 20 horas semanais de aulas e dezenas de orientações semestrais para garantir o fluxo do currículo em extinção. Dessa forma ficaram sob meus cuidados as disciplinas de Danças, Danças e Folguedos, Pedagogia da Dança, Monografia e Educação Física Escolar do currículo em extinção e Conhecimento e



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS**

Metodologia do Ensino da Dança, Educação Física e Escola e Educação Física no Ensino Médio no Currículo iniciado em 2006. Com apenas 7 professores no Departamento que assumiam do próprio bolso recursos para manutenção das aulas, entramos em 2007 com a esperança renovada de que o Programa de Reestruturação das universidades (Reuni) pudesse nos trazer algum alívio nos encargos didáticos.

A partir da implantação do Reuni foi possível reduzir os encargos Didáticos para 12 horas semanais e orientar o máximo de 6 estudantes de graduação. Dessa forma passei a construir com alguma tranquilidade as disciplinas: Conhecimento e Metodologia da Dança e Educação Física no Ensino Médio, sob minha responsabilidade direta e alguma outra disciplina do currículo em extinção ou do Bacharelado que teve início em 2008. A partir dessa data, quando chegaram os professores Reuni, o Departamento foi se adequando e permitindo que professores com alta representação administrativa pudesse, enfim, se responsabilizarem por 8 horas semanais de encargos didáticos, o que representa as duas disciplinas as quais me dedico até os dias de hoje: Conhecimento e Metodologia da Dança e Educação Física no Ensino Médio. São essas disciplinas que ocupam meu tempo de preparação didática e dá o contorno de toda minha vida acadêmica balizando a pesquisa e a extensão, no papel de alimentadoras e alimentadas.

NA PESQUISA

Expectativa de minha chegada também me apontava outro viés no campo da pesquisa. Minha Tese de Doutorado se aproximou significativamente da História da Educação. Na condição de docente da UFRJ caminhei nessa direção e me envolvi também com as Teorias das Representações Sociais. No CEFD as demandas eram outras e o caminho apontado foi a Educação Física Escolar. Me filiei de imediato ao Práxis... me juntando aos antigos companheiros desde a graduação: Professora Zenólia Figueiredo e Nelson de Andrade Filho na tarefa de pesquisar nesse campo e criar condições para fortalecer a linha de Pesquisa do recém aprovado Curso de Mestrado em Educação Física. No entanto, o envolvimento com a disciplina de Dança e com o sujeito do Ensino Médio - o



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS**

Jovem - levou-me a estudar a Educação Escolar pelo viés da arte e da cultura, sobretudo da Cultura Popular. Isso ocorreu quando me deparei com a estrutura de apoio às disciplinas. Dados de pesquisa e bibliografia adequada, quase inexistente. Iniciei então o Projeto Goiánum registrado desde 2007 até os dias de hoje na PRPPG/UFES. O Projeto me levou a permanecer no meu referencial marxista de orientação de Antonio Gramsci sobre a qual me debruço para entender e reforçar a ideia de formação cultural como forma de priorizar a centralidade da superestrutura contra as determinações da estrutura ou da infraestrutura.

Após algumas idas e vindas ao mundo da Dança e da Cultura Popular junto às manifestações *in loco* ou no mundo bibliográfico, encontrei a ponta da costura que me incomodava. A relação Escola e Comunidade de traços tradicionais. Ainda nos dias de hoje procuramos entender como as manifestações da Cultura Popular resistem e convivem com as escolas que chegaram às periferias urbanas e rurais nos últimos anos. Foi daí que foquei na direção dos momentos e espaços em que, supostamente, escolas e manifestações culturais se encontram: as Festas Populares. Foi e é a partir desse elemento que minhas pesquisas avançam, no campo da Iniciação Científica e na alimentação da Extensão e do Ensino.

De 2007 até os dias de hoje, consegui visitar boa parte, posso dizer a maioria, das festas em comunidades de traços tradicionais que possuem escolas em seus territórios ou em suas proximidades. Nesse sentido, já foi possível publicar alguns textos sobre relação Escola x Comunidade tendo como objeto o Congo, o Jongo e a brincadeira do Boi envolvendo aspectos como: Conflito entre os conteúdos universais e os processos de identidade de estudantes das comunidades; Educação e a liderança de mulheres por meio da cultura popular; Conflitos entre setores da comunidade escolar e praticantes de manifestações de cultura popular do que se refere à religiosidade e reconstrução de brincadeiras com objetivo de apresentar às escolas um pouco do potencial cultural das comunidades onde estão instaladas.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS**

Nas oportunidades foram publicados artigos em vários eventos nacionais e internacionais, principalmente em nossa principal entidade científica, o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, a qual nos agraciou com o Prêmio Literatura Científicas no Congresso do CBCE de 2017 em Goiânia quando apresentei, em co-autoria com outros integrantes do Grupo Andora, o trabalho sobre a reconstrução do Boi de Goiabeiras. Uma brincadeira de Boi Estrela em processo de Extinção originalmente criado, manifestado e sustentado pela comunidade do bairro de Goiabeiras, vizinho do campus principal da UFES que nesse momento perde suas forças por causa da especulação imobiliária, da falta de renovação dos quadros de praticantes e principalmente por causa da omissão da escola que passou a ocupar o espaço da formação cultural das crianças e jovens do bairro. Mais uma vez, em função da modernização urbana, da produção e do consumo superficial, a formação cultural e o fortalecimento das identidades dos povos ficam à mercê do lazer universalmente produzido, das compras e consumo franqueados, hiperindustrializadas e dependente do mundo econômico. Ou seja, à mercê das crises comerciais e financeiras de um mercado que industrializa o consumo, o lazer, a alimentação, o jogo, a brincadeira, a arte, a moradia e até a pele humana.

EXTENSÃO

O campo da extensão foi o espaço de maior foco em minha trajetória na UFES. Não que eu tenha expressado uma preferência ao campo, mas a pesquisa me envolveu em um trabalho de extensão crescente sem possibilidade de interrupção. Em princípio o que era uma pesquisa para alimentar as disciplinas de ensino de graduação se transformou em alimentadora da extensão no atendimento à comunidade externa, da formação continuada de professores e na atuação no campo da preservação e difusão das manifestações da cultura Popular brasileira. Em 2008 foi registrado na Pro-Reitoria de Extensão da UFES (PROEX) o Projeto Grupo Andora como fruto do Projeto Goiamum. O objetivo central do Grupo Andora era produzir a ilustração didática das manifestações



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS**

por meio de pequenas peças de brincadeiras, danças e folguedos populares como prática pedagógica em ambientes escolares e espaços comunitários. No entanto o Projeto ganhou projeções inesperadas e em pouco tempo tornou-se projeto independente do Projeto Goiámu. Após quatro anos de funcionamento, em 2012 o Projeto inaugurou a Cia de Dança Andora que se transformou em um grupo artístico da Universidade, presente em diversas cerimônias da instituição, representa a universidade e o Estado do Espírito Santo em eventos culturais e, segundo a Proex, trata-se da única ação de extensão da UFES em nível internacional.

Essa trajetória nacional e internacional teve início em 2009 quando o grupo participou do Congresso Brasileiro de Folclore realizado em Vitória. A partir desse evento não houve um único ano que o grupo não recebesse convites locais, regionais, nacionais e internacionais. Na medida do possível os convites são aceitos, mas nossa prioridade sempre foi atender àqueles vindos de escolas públicas de educação básica da Região Metropolitana de Vitória, onde o grupo cumpre uma agenda anual de cerca de 20 apresentações de pequenas peças sobre a Cultura Popular brasileira em escolas e outros espaços sociais como Lar de Idosos e entidades de atendimento às crianças em tratamento de doenças de grandes complicações.

Essa tarefa de visitas às escolas nos demandou a criação da Mostra Pedagógica de Danças Populares. Trata-se de um evento anual que congrega as escolas visitadas pelo grupo ou que possuem professores que são egressos e receberam a formação complementar ou continuada do Grupo Andora. A média de escolas participantes é de 14 unidades com cerca de 500 estudantes no total, acompanhados de professores, gestores escolares e familiares. O objetivo principal do evento é proporcionar às professoras e professores da educação básica, a oportunidade de mostrar os resultados de seus trabalhos em um espaço de qualidade, do ponto de vista social, cultural, pedagógico, acadêmico e técnico. Conseguir levar seus alunos ao palco do Teatro da UFES é um reconhecimento e valorização do trabalho docente que poucas vezes



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS**

acontecem na vida dos professores. Tal reconhecimento é visível no comportamento dos familiares e dos gestores que comparecem ao evento e também nas manifestações dos professores durante e após as apresentações em suas redes sociais.

Além disso, o evento cumpre uma função importante que é a formação de apreciadores da arte no palco ou na plateia. Crianças e jovens ocupam o espaço que tradicionalmente é reservado aos artistas do imaginário intocável como camarins, cortinas, coxias, iluminação, sistema sofisticado de som etc.

A plateia descobre que o Teatro não é um espaço exclusivo de uma camada social privilegiada. Mães e pais se alegram ao ocuparem o Hall do Teatro que, apesar de possuir uma arquitetura moderna, e simples, diferente do histórico Teatro Carlos Gomes, ainda carrega o glamour de ser o maior Teatro do Estado e é o espaço que recebe artistas consagrados que se apresentam na capital. Quando suas filhas e filhos pisam o palco, os olhos brilham e muitas vezes as lágrimas descem junto às tentativas do registro com seus celulares. Isso é um pouco da crença de estamos no caminho certo na tentativa de fazer a formação cultural por meio da cultura popular. A união de Arte e construção de identidades, de sentimento de pertencimento, de resistência e caminhada coletiva. São os elementos da superestrutura que apontam para a germinação de uma estrutura socialmente referenciada.

Nesse ano de 2018 o Projeto completa 10 anos em atividade ininterrupta. Nesse período participou de 11 eventos em território nacional, fora do Espírito Santo, 8 eventos em território estrangeiros, sendo 2 na Itália, 2 em Portugal, 2 no México, 1 na França e 1 no Chile. Apenas em 2018 o projeto recebeu 5 convites estrangeiros sendo eles: Colômbia; República Tcheca; França; Hungria, Argentina e Espanha. Diante da situação política e econômica pela qual passa o Brasil, com sérios cortes no campo da educação e cultura, só foi possível, em 2018, aceitar e comparecer ao convite do Festival Internacional de Folclore de Itamaracá, em Pernambuco.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS**

Essa empreitada de comparecimento aos diversos eventos internacionais possibilitou aos nossos estudantes uma larga experiência de intercâmbio no campo da cultura geral com estudantes de cerca de 30 diferentes países de todos os continentes, em especial com países da América Latina. Hoje, quase 100% do grupo possuem grandes facilidades em dialogar e trocar experiências com o domínio da língua espanhola de nossas irmãs e irmãos latino americanos que se encontram conosco nos diversos eventos. Isso ocorreu principalmente após a participação em dois festivais no México em 2015. No primeiro, em San Pedro de Atocpan, a estratégia dos organizadores para hospedagem dos grupos participantes do festival era o acolhimento em casas de famílias apoiadoras do evento. Cada dupla de integrantes ficava em uma casa acolhedora que, em nenhum momento falavam a língua portuguesa.

Além disso, o tema da peça levada pelo grupo ao festival, "Solte o Cabelo deixe as tranças balançarem" versava sobre a violência contra as mulheres do Espírito Santo que havi naquele ano ultrapassado o recorde nacional e alcançado as primeiras colocações de uma lista internacional. Essa ação nosso grupo se envolveu em diálogo com as mulheres da cidade, desenvolvendo as habilidades com o idioma e a apropriação de muitos elementos da rica cultura mexicana. O trabalho resultou em uma lista de assinatura de mulheres e homens do México, da Bélgica, da Colômbia, Rússia, Espanha, etc e entregue à Maria da Penha em visita à Vitória naquele ano.

O trabalho desenvolvido no ano de 2015 nos proporcionou o Prêmio Maria Felina dado anualmente pela Proex aos projetos de extensão destacados.

Em 2018, os 10 anos de atividades do grupo foi amplamente comemorado com a aprovação e execução do primeiro curso de Pós-Graduação, especialização em Ensino da Dança. O curso recebeu 80 profissionais de Dança de escolas formais e do mercado e teve em seu quadro docente 100% de professores mestres e doutorandas que vinculadas diretamente ao projeto. Esse foi o coroamento de uma década de formação, produção e intervenção junto às comunidades externas e internas.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS**

ADMINISTRATIVO

Como já mencionei, minha chegada ao CEFD teve a expectativa de uma atuação no campo administrativo em nível de Conselho Superior. Assim ocorreu logo que a portaria ministerial de minha redistribuição foi publicada. Fui eleito Representante do CEFD no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE). Com essa função passei, automaticamente, a fazer parte do Conselho Departamental do CEFD. Nessa função, a partir de julho de 2006, me envolvi politicamente com os rumos da universidade em vários setores. Logo na chegada ao CEPE assumi cadeira na Comissão Permanente de Ensino e Extensão. Logo fui eleito Presidente da Comissão e liderei a aprovação de 72 PPC em processo de Revisão Curricular e criação de Novos Cursos. Foi um trabalho gigantesco em meio a muita confusão administrativa, desconhecimento de novos documentos reguladores e grandes esforços de professores novatos que lidavam com os cursos recém-criados no processo de expansão da universidade para o interior. No mesmo ano de 2006 vivenciei o conflito entre a administração central e os movimentos sociais acerca da implantação do sistema de cotas na universidade. Havia ali um debate infrutífero, inerte, cheios de equívocos e sem estudos e debates sérios sobre o tema.

A UFES para todos

Em setembro de 2006, assistir uma derrota do projeto de Cotas encaminhado pela Pró-Reitoria de Graduação (Prograd) ao CEPE, orquestrada pelo próprio movimento social (Movimento Negro do Espírito Santo), que reivindicava o sistema de Cotas com 26% de reserva de vagas com recorte racial sob estratégia do "tudo ou nada" contra uma proposta da Prograd que apontava para a aprovação do mérito cotas sociais e raciais com percentuais abertos para definição técnica. Quando a animosidade perdeu volume assumi, diante da mesa diretora do Conselho, a solicitação de reabertura da matéria com a criação de uma Comissão específica do CEPE para formulação de uma proposta possível de aprovar e implementar com todos os riscos prováveis. Após encaminhamento da mesa diretora e aprovação do plenário, a comissão iniciou os



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS**

trabalhos em fevereiro de 2007, confrontando-se com todas as contradições possíveis, debatendo com as comunidades interna e externa e com os movimentos sociais interessados. Em agosto de 2007 a matéria foi ao plenário com todas as estratégias políticas necessárias para aprovação daquilo que acreditava ser um começo possível para o contexto político observado pela comissão durante o os 180 dias de trabalho. O resultado foi uma vitória de 18 votos a 4 em favor do sistema de Cotas, nominado de Reserva de Vagas para candidatos oriundos de escolas públicas e com renda familiar de 5 salários mínimos.

A vitória com ampla margem foi fruto de estratégias políticas e de conversa com cada conselheiro e conselheira, com Diretores de Centros e Pró-Reitores. Na ocasião não recebemos necessário da administração central para articulação política e não contamos com o apoio de Sindicatos e Movimentos estudantis que não abriam mão do Projeto encaminhado pelo Movimento Negro do Espírito Santo, que não aceitava outro resultado que não fosse a contemplação dos 26% para o recorte racial. Naquele momento os conselheiros do Cepe ainda guardavam ressentimentos contra o Movimento Negro por causa das manobras orquestradas em setembro de 2006. Então, não havia outra possibilidade de aprovação com boa margem de apoio que não fosse as chamadas Cotas Sociais.

O sistema de Cotas era uma política que gerava muitas dúvidas nos gestores da universidade. A Administração Central recebeu a votação com certo distanciamento e só fez pronunciamentos de apoio institucional com veemência quando um Instituto de Pesquisas de Opinião ligado ao maior órgão de imprensa do Estado publicou pesquisa apontando 80% de aprovação da população sobre a decisão da UFES de implantar o sistema de Cotas. Antes disso houve muito assombro diante da pressão e das manifestações públicas de Escolas do sistema privado, de políticos conservadores e de famílias de classe média contra o recorte escolar e econômico. De outro lado os movimentos sociais, incluindo os Movimentos Negros, Estudantil e sindical se



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS

manifestavam contra por causa da falta de recorte racial no projeto aprovado. A partir daí a comunidade interna ficou mais tranquila no processo de implantação do sistema e os movimentos sociais perceberam o lado que deveriam ocupar diante das manifestações duras e odientas (odiosas) do sistema privado de ensino. Os movimentos entenderam as condições políticas e a necessidade de o sistema ser iniciado e avançar mais tarde.

De fato os avançaram aconteceram. A partir de 2008 a paisagem da universidade mudou e as coisas foram acontecendo. Fui convidado a assumir uma estrutura responsável pela política de permanência do estudante cotista que denominei de Secretaria de Inclusão Social (SIS). Recebi da reitoria um computador, uma mesa, um armário, uma sala de 3 x 3 metros e uma bolsista. Senti naquele momento que o sistema seria covardemente sabotado, quando fui convidado para uma reunião em Brasília onde seria elaborado um documento que foi a base da Portaria Normativa nº 39 de 12 de dezembro de 2007, assinada pelo Ministro Fernando Haddad. Esse documento instituía o primeiro ato de Assistência Estudantil do Brasil. Um marco na vida acadêmica para os estudantes cotistas e não cotistas sem condições de permanência no sistema público de educação superior.

Quando assumi oficialmente, em 2008, eu já sabia como enfrentar as tentativas descaradas de sabotagem do sistema. Pela primeira vez em sua história a UFES pode contar com uma política de Assistência Estudantil e tive o orgulho e a honra de ter participado dessa inauguração, ainda que lamentável pelo atraso de dezenas de anos. Ainda me lembro do primeiro montante: R\$256.000,00. Não era muita coisa, mas era a primeira de muitas. Disso veio a reforma do Restaurante, as bolsas de permanência, bolsa de língua estrangeira, auxílio aluguel, auxílio material didático, auxílio transporte, acompanhamento psicossocial, Projeto Sorriso (tratamento dentário), política de ampliação de tempo de empréstimo de livros, acompanhamento pedagógico etc.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS**

A luta pelos recursos foi diária e travada em todos os bastidores possíveis. Havia um mundo de interpretações sobre o gasto dos recursos e tudo poderia, de uma hora para outra se transformar em Assistência Estudantil, até mesmo a reforma da Biblioteca ou instalação de Ar Condicionado em salas de aula. O Restaurante utilizava maior parte desses recursos e atendia todos os estudantes, independente das condições socioeconômicas, Professores, técnicos administrativos e até mesmo o público externo do entorno da Universidade que fazia uso do valor subsidiado.

O ano de 2008 avançou e a Secretaria de Inclusão Social cresceu. Servidores Técnicos interessados no tema se aproximaram e solicitaram remoção para o setor, mais bolsas para estagiárias do Serviço Social, da Psicologia e da Educação começaram a aparecer em melhor quantidade e aprovamos no Conselho Universitário o primeiro Plano de Assistência Estudantil dentro do padrão definido pela Portaria 39 de 2007 do MEC. Os recursos cresceram ano a ano e os conflitos com a Administração Central quando o assunto era a prioridades dos gastos considerando o objeto central que é a assistência aos estudantes em risco de permanência e de baixa renda familiar. Essa história se prolongou até junho de 2011, quando os recursos já haviam saído dos R\$256.000,00 reais iniciais para R\$ 11.200.000,00. Nesse momento a ruptura entre os setores econômicos da UFES e as políticas de inclusão era inevitável e deixei a SIS, me afastando da vida administrativa até 2012, passei esse tempo atendendo a convites para falar sobre a experiência de implantação do Sistema de Cotas e a política de permanência na Ufes. O convite mais honroso foi a participação na audiência pública no STF, em comissão presidida pelo Ministro Ricardo Lewandowski, que discutiu o mérito e a tramitação do projeto lei, que se transformou na Lei 12.711/2012 (Lei das Cotas). Depois disso voltei ao CEPE como suplente em 2012 e em 2014 até os dias de hoje, como titular.

Essa primeira passagem pela administração me render algumas honrarias da comunidade externa. Fui homenageado por todas as câmaras municipais da região



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS**

metropolitana com destaque para a Comenda “Revolta dos Queimados” da Câmara Municipal da Serra, em 2007; Comenda “Ewerton Montenegro Guimarães” de Direitos Humanos da Câmara Municipal de Vitória em 2010, Comenda “Chico Prego” da Assembleia Legislativa do Espírito Santo em 2011 e a indicação dos jornalistas do ES como Personalidade da Educação no Espírito Santo do Ano de 2008.

A UFES do Brasil

Nesse retorno ao CEPE assumi a cadeira na Comissão de Política Docente e logo após fui eleito para sua presidência. Nessa fase me deparei novamente com uma UFES com sérios problemas estruturais que poderiam e deveriam ser resolvidos no CEPE. Normas sobre Progressão Funcional de Professores com conteúdos atropelados pelas leis federais atualizadas com as políticas de governo como a Lei 12.772/2012; sobre concursos públicos; Estágio Probatório; Concursos para Titular Livre, professores visitantes e substitutos; critérios para remoção de docente intra e extra campi e critérios para definição de distribuição de vagas novas para docentes.

Em 2014 iniciamos estudos, discussão e decisões sobre esses temas que ainda não terminaram, mas avançaram bastante os processos em tramitação. De uma quantidade enorme e infinita de papéis para instruir um pedido de progressão, reduzimos para 3 (três) folhas que poderão ser reduzidas em 2019 para 1 (uma). Os concursos públicos que sofreram 8 (oito) anulações em 2017 e cerca de outros 10 (dez) recursos indeferidos foram reduzidos a zero anulação e 2 (dois) recursos indeferidos em 2018. Essa mudança estrutural e normativa aponta para uma nova mentalidade na administração dos concursos, com maior transparência, agilidade e facilitação burocrática em favor dos candidatos e da economicidade administrativa.

Contudo, a parte mais significativa dessa minha segunda fase no CEPE foi um assunto de outra Comissão Permanente: a Comissão de Ensino e Extensão. O assunto foi a adesão da UFES ao Sistema de Seleção Unificada. Diante da resistência de alguns



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS**

conselheiros de colocar o assunto em pauta fui obrigado a lançar mão de manobras regimentais de travamento de pauta e vencimento de *ad referendum* de matéria em risco de prazos para que o assunto fosse pautado. Durante o todo o semestre de 2015/2 a batalha em plenário foi intensa e a matéria foi para uma comissão especial presidida por mim para realização de audiência pública e seminário interno para debate e preparação de projeto de Resolução. Assim foi feito e, no semestre de 2016/1 toda a tramitação exigida pelo CEPE foi cumprida e o plenário, após sessão intensa de debate e a portaria bloqueada por opositores, aprovou, em 06 de maio de 2016, com 18 votos favoráveis e 10 contra. Dos 10 (dez) votos contrários 6 (seis) foram de estudantes que reivindicam melhorias estruturais antes da adoção da medida.

Em minha opinião, a leitura da realidade apontava para outro motivo. Era momento de eleição para o Diretório Central dos Estudantes e as chapas envolvidas não quiseram contrariar a maioria dos estudantes da universidade que ainda é constituída por estudantes oriundos de escolas particulares e que defendem o sistema privado de preparação para disputa das vagas, principalmente para os curso de maiores demandas. A chamada meritocracia. Não era a primeira vez que os representantes dos estudantes cumpriam esse papel lamentável. Mas o importante foi a universidade deu um salto significativo rumo à democratização do acesso e em um momento politicamente conturbado no cenário nacional conseguiu aderir ao sistema talvez em sua derradeira oportunidade. Logo após houve mudanças bruscas na estrutura de governo e alguns setores foram alvos da guinada política que sustenta o discurso da meritocracia e da restrição do acesso à universidade.

Com a Comunidade externa.

Além de todas as tarefas internas é também de nossa obrigação fortalecer os laços profissionais e acadêmicos com o mundo do trabalho, com os órgãos de políticas públicas, da produção do conhecimento e da formação profissional continuada. Quando cheguei à UFES em 2006 trouxe uma demanda já assumida na UFRJ e finalizada



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS**

quando eu já me encontrava na UFES: a produção das Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Foi uma demanda da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação junto ao Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte e, eu, como Coordenador do Grupo de Trabalho Temático Escola (GTT-Escola) fui encarregado de acompanhar as discussões e coordenar a produção do documento referência à Educação Física. A produção foi aditada em 3 (três) volumes impressos, publicação eletrônica na página do MEC e distribuída em 2 (duas) edições, sendo a segunda em 2008, para todas as escolas de Ensino Médio do Brasil. Foi uma tarefa muito significativa e formadora. Antes de iniciar os trabalhos de formulação dos textos, fiz parte de um grupo liderado pela Profa. Maria Helena Lodi, então diretora de Ensino Médio da SEB/MEC, que esteve em todas as regiões do Brasil debatendo o Ensino Médio em forma de Seminários regionais. Após a peregrinação nos reunimos para produção de um texto geral sobre Ensino Médio e depois cada coordenador se reuniu com seus grupos de trabalhos específicos para elaboração do texto de cada disciplina e área de conhecimento.

Com o material publicado veio o momento de debate, difusão e multiplicação do processo a convite de secretarias estaduais e veículos de comunicação como a Rede Cultura, TV Escola, TV Educativa etc. Meu mandato na coordenação venceu em 2009 e transferei a tarefa. No entanto toda a aprendizagem fez uma grande diferença em minha vida profissional na UFES. Afinal, era e ainda é de minha responsabilidade o magistério da disciplina relativa ao Ensino Médio. Essa disciplina foi construída ao longo do tempo tendo essa produção e essa experiência adquirida na ausculta que fiz em todos os seminários por meio dos diversos depoimentos de professores de escolas e estudos apresentados por gestores e estudiosos do tema. Essa foi a primeira demanda de muitas, depois que cheguei à UFES.

Em 2007, quando eu estava em uma das atividades de difusão e multiplicação do conteúdo da produção mencionada em Recife-PE, recebi um telefonema de diretor do



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS**

MEC solicitando uma intermediação junto ao Centro de Educação da UFES a respeito de um Curso de Especialização ligado ao Programa Escola Aberta. O curso seria financiado pelo FNDE e estava parado naquele centro havia muitos meses. Na eminência de o recurso retornar ao Tesouro Nacional, houve certa preocupação e o pedido de ajuda dos técnicos do MEC tinha relevância. Ao retornar para Vitória me deparei com uma situação de rejeição do projeto no Centro de Educação, fruto de certa resistência em assumir demandas do MEC e outros motivos que dispensam comentários aqui. Na oportunidade solicitei a retirada do projeto da unidade e passei a tratá-lo no âmbito do Centro de Educação Física onde recebeu andamento célere e, em início de 2008 foi inaugurada uma boa sequência de cursos de formação continuada vinculados aos Programas Escola Aberta e Mais Educação.

O primeiro curso foi denominação “Especialização em Educação Comunitária” e chegou com a orientação técnica da Secadi – Secretaria de Alfabetização e diversidade do MEC, financiado pelo FNDE e prefeituras da Região Metropolitana de Vitória. Foi coordenado por mim com a assessoria impecável da Profa. Elda Alvarenga que fez toda a articulação com os 120 cursistas vindos de escolas e projetos dos municípios de Viana, Serra, Vila Velha, Cariacica, Vitória e alguns do interior com a participação da Secretaria Estadual de Educação. Enquanto a Profa. Elda Alvarenga circulava e articulava todas as políticas de mobilização e captação entre as prefeituras eu fazia todos os malabarismos administrativos possíveis para destravar a máquina financeira e burocrática da UFES para garantir a aprovação do projeto nos conselhos e os empenhos e pagamentos necessários ao funcionamento. 115 cursistas completaram com sucesso o curso. Uma marca histórica para o setor de Pós-Graduação da PRPPG/UFES e um ganho extraordinário para os projetos sociais ligados ao Programa Escola Aberta.

Logo em seguida o MEC investiu em outra demanda trazendo a proposta de indução da Educação Integral por meio do Programa Mais Educação. Era mais uma ação de formação continuada para os professores de escolas e agentes culturais que ocupavam as escolas com ofertas de tempo na escola, mais tempo estudando, mais tempo



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS**

aprendendo. Um projeto de educação popular envolvendo professores e comunidades. Dessa vez foram 90 pessoas matriculadas em curso de especialização denominado "Educação Comunitária e Saberes Populares". Agora o objetivo era mais ousado, estampado em cada atividade didática. As escolas caminhariam passo a passo para uma Educação Integral voluntária, com a comunidade se interessando em ficar um pouco mais de tempo na escola ou em atividades escolares em qualquer território educativo. Nesse caminhar nossos laços com a rede nacional que se encontrava de tempos em tempos em Brasília ou em eventos promovidos nos Estados já estavam estreitados e a teia se constituía bem justa e nos mostrava o perfil da Educação Integral em potencial. E nessa direção que recebemos a demanda de um terceiro curso e escolhemos, eu e o Prof. Luiz Alexandre Oxley da Rocha, que chegava ao CEFD/UFES para somar esforços com sua experiência de organização e mobilização política junto ao professorado da rede básica, o tema da formação que foi "Educação Integral e Arte Corporais".

Essa escolha se deu por observação das feiras e encontros em que escolas e comunidades apresentavam os produtos de seus projetos nos Programas Escola Aberta e Mais Educação. A maioria esmagadora das atividades estava ligada às Artes Cênicas, Esportes, Recreação, Ginásticas, Jogos e Brincadeiras Populares, Folclore e Cultura Popular. O termo "Artes Corporais" provocou inclusive um susseito de que seria um ensaio de possível objeto de estudo ou uma base epistemológica que pudesse envolver diferentes áreas da educação como a Educação Física, as Artes e a Literatura, como sugere o cargo de Professor Dinamizador da Rede Municipal de Vitória. Foram 40 professores e agentes comunitários/culturais inscritos. Um detalhe importante nessa turma foi a presença muito significativa de professores que recebiam suas primeiras aulas presenciais em uma universidade. Deparamos-nos com um grande número de egressos do sistema de educação à Distância que vibraram e expuseram com orgulho a carteira de estudantes da UFES em suas redes sociais. Ou seja, ali também se constatava um processo de Inclusão Social importante que, em tese, forjaria uma nova mentalidade multiplicadora, incluindo novos elementos na rede que se tecia. Foi nesse contexto que,



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS**

quando recebemos a quarta demanda, não tivemos dúvidas. Afirmamos que seria necessário maior inclusão do pessoal envolvido na prática dos projetos.

Nesse sentido, propusemos trazer para os bancos da universidade aqueles agentes comunitários que não possuíam curso superior. Valemo-nos da metodologia e da experiência do Grupo Teia da UFMG e replicamos os Cursos de: Docência na Educação Integral; Propostas Curriculares para a Educação Integral e Escola e Cidades para uma Educação Integral e Integradora. Foram cursos em nível de Aprimoramento certificados pela Pró-Reitoria de Extensão, na modalidade Semi-Presencial, espalhados por 13 Polos da UFES. Uma proposta ousada que não exigiu nível de escolaridade de nenhum interessado. No final, certificamos 450 cursistas e conseguimos aprovar e publicar 20 textos com participação de cerca de 100 autores co-autores como capítulos do livro: Educação Integral no Espírito Santo: Docência, Propostas Curriculares e Cidades.

De fato, foi uma boa experiência que fazia a ideia avançar, mas como políticas públicas são atos de governos, portanto, de ideias de grupos que disputam o poder cotidianamente, a ideia de uma Educação Integral por indução e conquista dos corações das crianças e jovens, perdeu a batalha para a Educação Integral imposta. A formação continuada de professores autores/atores e produtores perdeu a batalha para os pacotes prontos da indústria do material didático e do mercado privado da educação que vive dos recursos públicos. O Programa Mais Educação foi desidratado, a máquina pública de formação continuada do MEC foi desmontada e retornamos para as trincheiras. O último curso terminou em junho de 2015. De lá pra cá foram apenas atos de resistência, retomada de fôlego para novas ações e recuos.

Da formação cultural para o enfrentamento das crises

Assim foi minha vida acadêmica na UFES. Trabalhando, observando os acontecimentos e torcendo para que aquela crença da Estrutura que determina e forja a Superestrutura pudesse dar certo e me surpreender. No fundo de minha consciência política eu sabia que estávamos diante de uma derrota previsível e uma tragédia



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS**

anunciada que era muito evidente a partir de nossas reflexões, de nossas práticas e dos alertas dos pressupostos teóricos ao nosso alcance. Sim, é verdade que sentíamos no desenrolar dos acontecimentos uma mudança de mentalidade na população que estava muito longe, em termos quantitativos, daquilo que seria necessário após 10 anos de governo Social-Democrata e 12 anos de governo popular e de bem estar social.

A expansão dos cursos de graduação, o Proext, o Pronatec, os Ifs, o sistema de cotas, os programas de permanência, a formação continuada, os programas Escola Aberta e Mais Educação, o Projeto Culturas nas Escolas, Pontos de Cultura e muitas outras iniciativas perderam para a cultura do consumo. Ou seja, de todas as políticas implementadas por esses governos as que receberam maior visibilidade foram aquelas vinculadas diretamente ao consumismo e não à formação cultural que tornasse possível o surgimento de novas gerações capazes de assimilarem conceitos de convivência social, que pudesse dar sustentação aos direitos básicos de acesso à maior quantidade de pessoas a uma vida digna. Conceitos de igualdade, diferenças, sustentabilidades, diversidade etc ficaram muito distantes da maioria da população que viveu um tempo de felicidade quando pode ter emprego e comprar bens de consumo não duradouros e superficiais. O que a população fez com seus ganhos, crescimento econômico e na ascensão social certamente não foi na aquisição da capacidade de entender que a qualidade de vida individual depende um coletivo solidário e cooperativo.

A educação em geral, desde a formação de professores, de criança e jovens nos diversos níveis de educação não foi capaz de superar a consciência para o consumo superficial, que é incapaz de permitir ao sujeito uma condição razoável de leitura da realidade, de resistência às crises econômicas e de fortalecimento das estruturas democráticas. A melhor condição econômica do brasileiro nos últimos 24 anos formou uma geração, das várias faixas etárias, de sujeitos individualistas e excessivamente consumistas. O resultado disso é a falta de solidariedade diante de situações como a miséria e extrema pobreza de 50 milhões de pessoas e a baixa resiliência diante das crises políticas e econômicas. As muitas iniciativas governamentais e não governamentais no campo da educação não foram suficientes para formar uma geração, dos 16 aos 40 anos, capaz de



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

impedir um retrocesso político que o estado recuar nos direitos dos trabalhadores e nas políticas sociais.

Para mim e para os muitos parceiros e parceiras que atuamos no campo da cultura e da educação integral, não há muitas surpresas. Sabíamos que os bons frutos dessas intervenções deveriam receber atenção multiplicada por dezenas de vezes e receber, no mínimo, a mesma dedicação do estado àquela dispensada aos incentivos fiscais na área do consumo. Nossas leituras, sobre o pensamento filosófico de Antonio Gramsci, nos conduziram nessa empreitada e nos fez refletir nossa preocupação nessa jornada dos chamados anos de bonança no Brasil da primeira década do século XXI. Infelizmente a Estrutura ser sobrepôs à Superestrutura na relação de forças no campo da hegemonia. Desejos de consumo e de servidão se sobrepuseram aos temas de fortalecimento cultural como: igualdade nas várias esferas, inclusão social, diversidade cultural ampla e níveis adequados de consciência política. A centralidade das superestruturas que imaginávamos se aproximar com a melhor distribuição de renda, descentralização de recursos, 10% do PIB e 70% do Pré-Sal para Educação foi negada pela dinâmica histórica nunca nos permitiu pensar que primeiro fazemos crescer a economia para que depois possamos distribuí-la. Isso me fez lembrar um comentário do lendário jogador de Futebol Garrincha quando se ensaiava uma jogada para um jogo contra a Seleção da Rússia. Depois de muito treinar o jogador perguntou: Alguém combinou isso com os Russos?

Lembro-me de uma Turnê do Grupo Andora, em 2012, quando passamos por Portugal em momento de grave crise econômica. 18% de desemprego em geral e 25% entre os mais jovens. Fomos recebidos com festa pela população em um festival que recebia outros sete grupos estrangeiros. Música, Dança, Teatro, história, comida, bebida, consciência política e boas leituras da realidade não faltaram. Nos discursos inflamados dos organizadores predominavam as falas de resistência às crises econômicas sem a perda do norte da política. Na semana de comemoração da Revolução dos Cravos a palavra de ordem era de resistir às intervenções de cunho meramente estrutural. Os valores da superestrutura estavam colocados com clareza nos encontros das



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPOSTOS**

comunidades quando se afirmava que a crises não lhes tiraria o Pão, o Vinho, o Fado, o Vira, a identidade de povo e a alegria de viver.

Nossos alunos, mesmo sem conhecer a história da ditadura Portuguesa e também da brasileira, carregaram Cravos Vermelhos nas mãos e na lapela dos casacos e entoavam o cantos e versos de Chico Buarque:

“Foi bonita a festa, pá.
Fiquei contente.
E ainda guardo, renitente
Um velho cravo para mim.”

Lamentavelmente chego ao topo da carreira do magistério com um gosto amargo na boca. Vejo uma quantidade significativa de egressos na mesma trincheira de lutas, mas ainda é muito pouco. O efeito multiplicador não foi o que eu imaginava e talvez eu não tenha outra oportunidade de ver uma nova geração corrigindo nossos erros.

“Já murcharam em tua festa, pá.
Mas certamente
Esqueceram uma semente em algum
Canto de jardim.”

Essa é minha história de professor da UFES, essas são minhas memórias que valem a pena ser registrada.